

PROTOZOARIOS INTESTINAIS EM CRIANÇAS DA CIDADE DO SALVADOR

DR. FERNANDO MARQUES LIMA
Doc. Livre de Parasitologia da Fac.
de Med. da Univ. da Bahia — Assist.
do Prof. Cat. A. L. de Barros Barreto

Foram várias as razões que nos levaram à objetivação do presente trabalho. Entre as que podemos crismar de preponderantes, podemos adiantar que até então, entre nós, nenhuma pesquisa fôra realizada com a finalidade estrita de estudar parasitológicamente as protozooses intestinais das crianças. Os trabalhos até então levados a efeito são de cunho geral, demais, não aludem a método de coloração eficiente na diagnose específica dos protozoários, mesmo porque se é certo que muitos dêles podem ser diagnosticados sem coloração especial, também é verdade que em muitos casos é imprescindível o emprego de método que faculte não só a visão de particularidades anatômicas e também permita conservar o preparado para estudo detido, posteriormente. Nesses casos estão principalmente os protozoários de pequeníssimo porte que requerem determinado método para sua perfeita identificação. Sugerimos aqui certas formas de transição no processo reprodutivo do animal, quando só a procura demorada de formas típicas nos permite diagnose, mormente nas preparações pobres. Também é o caso do material que já nos chega retardado, quando formas, sobretudo de améebidos, já estão alteradas e só exame em ótimas condições vem satisfazer o analista consciencioso.

No presente trabalho, utilizámos 3 técnicas: a do Lugol forte, a de Faust pelo sulfato de zinco e a deste mesmo autor com hematoxilina férrica, modificada por Amaral. Deixamos porém de aludir a achados helmintológicos, vez que pretendemos publicá-los à parte, completando-os com pesquisas em que ainda continuamos. Tivemos sempre o cuidado de trabalhar o

mais imediatamente possível ao recolhimento das fezes. Não poucas amostras tivemos que desprezar em virtude de não termos podido efetuar a coloração, por deficiência de tempo, pois todos sabemos que por mais práticos que estejamos, da preparação do corante até o diagnóstico, consumimos bastante tempo. Outras amostras foram inutilizadas em razão do longo decurso de tempo desde sua eliminação até o momento de nos terem chegado. Foram essas as razões de termos demorado quase um ano na elaboração deste pequeno trabalho.

Outro fato que desperta a atenção do observador, é a tendência negativa dos pediatras de pedir exame de fezes. Certamente, dentre outras justificativas, para tal procedimento, reponta a razão psicológica de se terem habituado a distúrbios entéricos tão amiudadamente repetidos, nas crianças. Outra feição interessante é a cessação dos sintomas com medicação inespecífica e empregada para fins diversos, embora se vá observar uma recidiva logo depois.

Além de tudo, há uma verdade animadora. É que a funesta meta-amebose, com seu chocante cortejo de sintomas não é encontrada nas crianças. E o motivo dessa resistência do organismo, quando sabemos que as crianças de 1 a 6 anos não têm maiores preocupações com medidas de higiene, notadamente por levarem à boca não só cousas conspiradas no chão como a própria mão desasseiada. Como nessa idade atuará o pH do meio intestinal sobre determinados protozoários? Será o uso tão frequente de medicamento que imprime caráter particular à protozoose, tornando o meio desfavorável? Como fôr, levando-se em conta a condição de indefesa, principalmente nas classes menos protegidas, a amebose deveria ser de disseminação fortíssima na infância. Igualmente severos deveriam ser os sintomas, admitindo-se que seja frequente a reinfeção, reconhecido o descuido pela diagnose e consequente inaplicação do tratamento específico.

Tivemos oportunidade de examinar material advindo de 864 crianças e as referências que fazemos focalizam mais de perto os amébios, em virtude de serem êstes protozoários os mais importantes pelas suas consequências, como por serem, dentre os encontrados, os de maior percentagem.

OCORRÊNCIA DE *E. HISTOLYTICA*, CONFORME A IDADE

ANOS	N.º de examinados	POSITIVOS	%
6	220	18	8,1
5	109	9	8,3
4	92	9	9,8
3	106	11	10,3
2	206	12	5,8
1	131	6	4,5

OCORRÊNCIA DE *E. HISTOLYTICA*, EM FUNÇÃO DE CÔR

	Examinados	Positivos	%
Leucoderma	282	18	6,3
Faioderma	413	22	5,3
Melanoderma	169	25	14,8

OCORRÊNCIA DE *E. HISTOLYTICA*, EM FUNÇÃO DO SEXO

	Examinados	Positivos	%
Masculino	345	34	9,8
Feminino	519	31	5,9

Os resultados seguintes resumem outros pormenores dos achados nos exames realizados.

	Positivos em 864	% de positivos
<i>Endamoeba histolytica</i>	65	7,5
<i>Endamoeba coli</i>	240	27,7
<i>Endolimax nana</i>	140	17,1
<i>Dientamoeba fragilis</i>	120	13,8
<i>Iodamoeba butschli</i>	40	4,6
<i>Giardia lamblia</i>	83	9,6
<i>Chilomastix mesnili</i>	16	1,8
<i>Enteromonas hominis</i>	12	1,3

Não conseguimos encontrar *Embadomonas intestinalis* nem *Isoospora hominis* certamente devido a ocorrência de um índice insignificante de infestação por esses parasitos.

As fezes com que trabalhamos foram na sua maioria, de crianças levadas à consulta na Liga Bahiana contra a Mortalidade Infantil e o restante de nosso laboratório particular de análises.

Agradecemos ao Dr. Alvaro Bahia, D.D. Presidente da Instituição referida, as facilidades que nos proporcionou para o recolhimento do material.

BIBLIOGRAFIA

- Amaral, A. D. F. e Pires, C. D. A. — Nota sobre a incidência de portadores de cistos de *E. histolytica* — "O Hospital", 22: 411-449, 1942.
- Amaral, A. D. F., Pontes, J. F. e Pires, C. D. A. — Amebíase — São Paulo, 1942.
- Barreto, Antonio Luiz C. A. de Barros — Estudos epidemiológicos sobre as gastro-enterites infantis — Bahia — 1926. Tese de livre docência de Higiene.
- Coutinho, J. O. e Filho, A. Silvany — Notas sobre um inquérito coprológico efetuado em pacientes internados no Hospital de Santa Isabel, Salvador, Bahia — Anais da Fac. de Med. da Univ. de S. Paulo — XXV: 55-64, 1950.
- Craig, C. F. e Faust, E. C. — Parasitologia Clínica — Ed. Guanabara — Rio de Janeiro, 1947.
- Deane, L. M. e Deane, M. P. — Protozoologia Médica — Bahia, 1951.
- Pessôa, S. B. — Parasitologia Médica — S. Paulo, 1949.
- Pontes, J. F., Jamra, M. e Silva, C. da Silva — Amebíase — S. Paulo, 1941.
- Wenyon, C. M. — Protozoology — London, 1926.